

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO
CURSO GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

CAMILA APARECIDA IZEPE

**NARRAÇÃO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL:
ANÁLISE DE PLANEJAMENTOS E POSSIBILIDADES DE
ENCAMINHAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

MARINGÁ

2014

CAMILA APARECIDA IZEPE

**NARRAÇÃO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL:
ANÁLISE DE PLANEJAMENTOS E POSSIBILIDADES DE
ENCAMINHAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,
apresentado ao Curso de Pedagogia da
Universidade Estadual de Maringá, como
requisito parcial para obtenção do grau de
licenciado em pedagogia.

Orientação: Prof. Dra. Maria Angélica
Oliveira Francisco Lucas.

MARINGÁ

2014

CAMILA APARECIDA IZEPE

**NARRAÇÃO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL:
ANÁLISE DE PLANEJAMENTOS E POSSIBILIDADES DE
ENCAMINHAMENTO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Projeto para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Pedagogia, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dra. Maria Angélica Olivo Francisco Lucas

Prof. Dra. Regina Lúcia Mesti

Prof. Sidinéia Emerich

Maringá, ____ de Novembro de 2014

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao alicerce da minha vida: meus pais, Marly Aparecida Gazim e Rubens Izepe, por me ensinarem os bons caminhos para ter um excelente futuro e acima de tudo por terem mostrado a importância de amar o que se faz.

Dedico e Agradeço à minha família por ter intercedido junto a Deus e a Nossa Senhora por mim, pois sempre foi com a benção dos meus pais, de Deus e de Nossa Senhora que realizei e realizarei os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu querido Deus e a Nossa Senhora por ter me sustentado e me iluminado para que eu conseguisse realizar mais um sonho da minha vida. Sou inteiramente grata à proteção de Deus principalmente pela minha saúde, para que eu tivesse forças e fé para concluir esse curso.

Aprendi desde criança, a agradecer a todos que me fizeram o bem e contribuíram de alguma forma para minha felicidade. Minha maravilhosa mãe, que é minha inspiração, é a MELHOR professora e através dos seus ensinamentos eu aprendi a amar as crianças. E ao meu pai, que com seu lindo exemplo de fé e fortaleza me ensinou a ser de Deus, agradeço pelo cuidado que sempre teve comigo.

Agradeço à minha orientadora Maria Angélica, que é inspiração para meu futuro profissional e também como pessoa. Obrigada pelo carinho, conselhos, ensinamentos e principalmente por me ensinar a fazer o melhor para nossas crianças. Muito obrigada! O **PIBID** foi para mim, mais um degrau para meu futuro profissional e, muito mais, concretizou no meu coração a CERTEZA do que eu quero: **SER PROFESSORA!**

Agradeço de forma especial à coordenadora e as professoras da escola a qual realizei minha pesquisa, que me receberam com muito carinho, jamais esquecerei.

A minha melhor amiga-irmã Vanessa, meu porto seguro, que na maioria das vezes me conhece mais que a mim mesma. TE AMO! Obrigada por nunca desistir de mim e da nossa amizade. Aos meus amigos que a UEM me presenteou: Carolina, Daiane, Ione, Angelina e a Mayara que, além de amiga de curso, é amiga pra vida toda. Amo demais! Aos meus amigos: Alisson, Mateus e Paty, que sempre foram “**colo de Deus**” para mim.

Agradeço à minha madrinha Denise, ao Elton, Padre Orivaldo (Padrinho) e ao Coral Arquidiocesano de Maringá, que são minha segunda família e amo demais, eternamente **GRATA** por todas as bênçãos que recebi através de vocês, obrigada por me tornarem uma pessoa melhor.

E claro, agradeço ao meu amigo, companheiro, e namorado Lucas, por ter acreditado em mim durante esses anos, obrigada por ter me dito tantas vezes: “Coragem”. Por ter enxugado minhas lágrimas e também compartilhado da minha felicidade. Você foi e sempre será meu exemplo de determinação! **AMO VOCÊ**, Obrigada!

“Cada escolha, por menor que seja, é uma forma de semente que lançamos sobre o canteiro que somos. Um dia, tudo o que agora silenciosamente plantamos, ou deixamos plantar em nós, será plantação que poderá ser vista de longe... Para cada dia, o seu empenho. Felicidade talvez seja isso: alegria de recolher da terra que somos, frutos que sejam agradáveis aos olhos!”.

(Padre Fábio de Melo)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como finalidade compreender a narração de história como uma prática pedagógica. A partir desse fim, objetivou-se investigar a frequência dessa prática em planejamentos de professores dos anos iniciais do ensino fundamental. O interesse por esta temática deu-se em função de três situações: participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), o qual proporcionou-nos maior contato com práticas pedagógicas de narração de histórias; atividades de estágio obrigatório, onde observamos a pouca frequência de narrações para as crianças; a leitura de Baggo (2010) que analisou planejamentos de professores da educação infantil e verificou a frequência de narrações de histórias na prática pedagógica deste nível de ensino. O reconhecimento de que no processo de desenvolvimento da criança, a narração de histórias pode se constituir em instrumento que proporciona o gosto pela leitura, estimulando o processo de aprendizagem da linguagem escrita, justifica a realização deste estudo. Cabe então ao professor o papel de mediador desse processo, provocando no aluno o interesse em ler. Essa mediação, segundo a Teoria Histórico Cultural, constitui-se na essência da ação pedagógica e pode ser relacionada com a narração de história, quando pensamos sobre a apropriação da linguagem escrita, envolvendo os processos de alfabetização e letramento. Por esta razão consideramos que essa pesquisa trará benefícios não somente para o aspecto pessoal, mas também para a educação de forma geral, uma vez que se pretende pensar sobre a realização de práticas pedagógicas que levem em consideração a necessidade de a criança ouvir histórias, tendo em vista seu processo de aprendizagem e desenvolvimento. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e empírico. Primeiramente foi desenvolvido um estudo bibliográfico acerca do tema e depois o relacionamos com a pesquisa de campo, que compreende duas etapas: análise de planejamentos de professores dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de um município do noroeste do Paraná e entrevista com a coordenadora pedagógica da escola – lócus da pesquisa. A apresentação desse estudo foi organizada em três seções. Na primeira trazemos uma pesquisa bibliográfica que resgata a importância da narração de história para o desenvolvimento infantil. A segunda seção corresponde à análise dos cadernos de planejamento para verificar a frequência da narração de história durante o ano letivo nos anos iniciais do ensino fundamental e como essas práticas são nele registradas. Na terceira, como contribuição à necessária elevação da qualidade do ensino, apresentamos recursos e técnicas para narrar histórias nas escolas. Por fim, reafirmamos que, para tanto, a prática de narrar histórias requer planejamento, intencionalidade e sistematicidade. E mais, que há necessidade de que tais práticas sejam devidamente registradas nos cadernos de planejamento, haja vista sua importância para o desenvolvimento das crianças.

Palavras-chave: Narração de histórias. Aprendizagem e Desenvolvimento. Planejamento. Prática Pedagógica.

ABSTRACT

This completion of course work aims to understand storytelling as a pedagogical practice. From this end, it was aimed to investigate the frequency of this practice in planning of teachers in the early years of elementary school. The interest in this subject was given in terms of three situations: participation in the Institutional Program Initiation to Teaching (PIBID), which gave us greater contact with pedagogical practices of storytelling; mandatory internship activities, where we observed the low frequency of stories for children; reading Baggo (2010) which examined plans of teachers of early childhood education and noted the frequency of narrations of stories in the pedagogical practice of this education level. The recognition that the child's developmental process, storytelling can constitute a tool that provides a taste for reading, stimulating the learning process written language, justifies this study. It is then up to the teacher as a mediator of this process, causing the student's interest in reading. This mediation, according to the Historic Cultural Theory, constitutes the essence of pedagogical action and may be related to the storytelling, when we think about the appropriation of the written language, involving the processes of literacy. For this reason we consider that this research will bring benefits not only to the personal aspect, but also for education in general, since they want to think about performing pedagogical practices that takes into account the need for the child to hear stories, taking in view of their learning and development process. This is a literature and empirical qualitative research. First a literature study was developed and then related to the field research, which was developed comprises two steps: analysis of schedules of teachers in the early years of elementary education at a public school in a city in northwestern Paraná and interview with educational coordinator school - research locus. The presentation of this study was organized into three sections. At first we present a literature search that captures the importance of storytelling to children's development. The second section corresponds to the analysis of books planning to check the frequency of storytelling during the school year in the early years of elementary school and how these practices are recorded on it. Third, as a contribution to the required elevation of the quality of teaching, we present resources and techniques to tell stories in schools. Finally, we reaffirm that, therefore, the practice of storytelling requires planning, intentionality and systematicity. Plus, there is need for such practices are adequately registered in books planning, given its importance to the development of children.

Keywords: Storytelling. Learning and Development. Planning. Pedagogical Practice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Modelo de Ficha Descritiva	40
FIGURA 2 – Cineminha	44
FIGURA 3 – Fantoques 1	45
FIGURA 4 – Fantoques 2	45
FIGURA 5 – Teatro de Sombras	46
FIGURA 6 – Dobradura	46
FIGURA 7 – Marionetes	47
FIGURA 8 – Dedoches	47
FIGURA 9 – Caixa de Histórias	48
FIGURA 10 – Avental	49
FIGURA 11 – Caracterização/Dramatização	49
FIGURA 12 – Álbum Sanfonado	50
FIGURA 13 – Teatro de Varas	51
FIGURA 14 – Máscaras	51
FIGURA 15 – Álbum Seriado	52
FIGURA 16 – Flanelógrafo	53

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Caderno de Planejamento 1º ano/Sujeito 1	26
QUADRO 2 – Caderno de Planejamento 1º ano/Sujeito 2	29
QUADRO 3 – Caderno de Planejamento 2º ano/Sujeito 3	30
QUADRO 4 – Caderno de Planejamento 3º ano/Sujeito 4	31
QUADRO 5 – Histórias adequadas para cada idade	37
QUADRO 6 – Fases da Literatura Infantil	38
QUADRO 7 – “Fluxo de enredo”	39
QUADRO 8 – Ficha Técnica – narração com efeitos especiais	54

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. O PAPEL DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL	14
2. FREQUÊNCIA DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIA NOS PLANEJAMENTOS ESCOLARES	25
3. DIFERENTES POSSIBILIDADES E TÉCNICAS DE NARRAR HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS	35
3.1. Cineminha	44
3.2. Fantoques.....	44
3.3. Teatro de Sombras.....	45
3.4. Dobraduras	46
3.5. Marionetes	47
3.6. Dedoche.....	47
3.7. Caixa de História.....	48
3.8. Avental	48
3.9. Caracterização/Dramatização.....	49
3.10. Recursos Audiovisuais	50
3.11. Álbum Sanfonado.....	50
3.12. Teatro de Varas	50
3.13. Máscaras.....	51
3.14. Álbum Seriado.....	52
3.15. Flanelógrafo	52
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como finalidade compreender a narração de história como uma prática pedagógica. A partir desse fim, objetivou-se investigar a frequência dessa prática em planejamentos de professores dos anos iniciais do ensino fundamental.

O interesse pela a temática desta pesquisa surgiu durante a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência (PIBID), o qual, durante o ano letivo de 2012, proporcionou-nos maior contato com práticas de narração de histórias, e também por meio das atividades de estágio obrigatório, onde observamos a pouca frequência de narrações para as crianças.

Além disso, este interesse foi despertado também pela leitura de outro trabalho de conclusão de curso, em que Baggo (2010) analisou planejamentos de professores da educação infantil e verificou a frequência de narrações de histórias na prática pedagógica deste nível de ensino, durante o ano letivo de 2009. Suas conclusões nos motivaram a realizar a presente pesquisa, porém voltando nossa atenção para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para uma história ser narrada é preciso conhecimento sobre ela, estudar e pensar maneiras diferenciadas de trabalhá-la. Contar história é uma prática, ultimamente, menosprezada pela escola, pois lhe falta entendimento acerca de seu papel no processo de desenvolvimento das crianças, conhecimento de técnicas e recursos pedagógicos para incrementá-la e entusiasmo por parte do professor em realizá-la.

Além disso, no processo de desenvolvimento da criança, a narração de histórias pode se constituir em instrumento que proporciona o gosto pela leitura e estimula o processo de aprendizagem da linguagem escrita. Toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem, que trazem consigo conceitos consolidados da cultura à qual pertence o sujeito. Cabe então ao professor o papel de mediador desse processo, provocando no aluno o interesse em ler. Essa mediação, segundo a Teoria Histórico-Cultural, constitui-se na essência da ação pedagógica e pode ser relacionada com a narração de história, quando pensamos sobre a apropriação da linguagem escrita, envolvendo os processos de alfabetização e letramento.

Um dos principais conceitos da teoria vygotskyana é o de zona de desenvolvimento proximal: distância entre o desenvolvimento real de uma criança e aquilo que ela é capaz de realizar com a ajuda de um adulto. A ação mediadora do professor deve incidir nesse espaço. Essa mediação, defendida por Vygotsky (1995) pode ser relacionada com a narração de história, principalmente quando pensamos sobre a apropriação da linguagem escrita. Nesse caso, cabe ao professor o papel de mediador entre a criança e linguagem escrita, recorrendo à literatura infantil. Para tanto, lhe cabe o estudo, a reflexão sobre o conhecimento das obras infantis, sua formação pessoal como leitor, dando sentido ao texto de forma sistematizada.

Por isso, consideramos essa pesquisa relevante, pois trará benefícios não somente para o aspecto pessoal, mas também para a educação de forma geral, uma vez que se pretende pensar sobre a realização de práticas pedagógicas que levem em consideração a necessidade de a criança ouvir histórias, tendo em vista seu processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e empírico. Primeiramente foi desenvolvido um estudo bibliográfico acerca do tema. Para tanto, na primeira seção deste estudo, buscou-se argumentos em autores que ressaltam a importância da narração de história para o desenvolvimento da criança, tais como Coelho (2000), Amarilha (1997), Frantz (2011), Costa (2007), Bussato (2011), Benjamin (1993), Abramovich (1997), Debus (2006), Cunha (1989), Peres (2009), Oliveira (2012). Em seguida, na segunda seção, apresentamos a parte empírica da pesquisa na qual verificamos a frequência de narrações de história na prática pedagógica por meio da análise de planejamentos escolares. Esta fase da pesquisa compreende duas etapas. A primeira delas constituiu-se em análise de cadernos de planejamentos, referentes ao ano letivo de 2013, de quatro professores dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola pública de um município do noroeste do Paraná; a segunda, em entrevista com a coordenadora pedagógica da escola – lócus da pesquisa, acerca dos projetos de literatura nela realizados.

Na terceira seção, como contribuição à necessária elevação da qualidade do ensino, apresentamos recursos e técnicas para narrar histórias nas escolas. Para tanto, recorreremos às orientações fornecidas por diversos autores, tais como: Oliveira (2011),

Oliveira (2012), Dohme (2010), Debus (2006), Coelho (2000), Abramovich (1997), Cunha (1989).

Cabe ao professor ser mediador do processo de alfabetização e letramento, podendo, para tanto, apresentar a linguagem escrita para as crianças de forma lúdica, recorrendo a práticas de narrações de histórias. Nesse sentido, é importante reintegrar as narrativas aos currículos, porém de forma adaptada à realidade atual da criança, pois, além do contato com a linguagem, as narrativas estimulam o ler, contar, ouvir e criar novas histórias, facilitando a apropriação da linguagem escrita. Por fim, reafirmamos que a prática de narrar histórias requer planejamento, intencionalidade e sistematicidade. E mais, que há necessidade de que tais práticas sejam devidamente registradas nos cadernos de planejamento, haja vista sua importância para o desenvolvimento das crianças.

1. O PAPEL DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Essa seção tem por objetivo apresentar a narração de história como um fator relevante para o processo do desenvolvimento infantil. Segundo Frantz, “A pergunta “*O que é literatura?*” tem suscitado, desde a Antiguidade, as mais variadas tentativas de respostas. Essas vão desde uma concepção de literatura como simples forma de deleite, sem maiores consequências, até uma concepção de literatura como documento fiel da realidade” (FRANTZ, 2011, p.43).

A princípio, a prática de narração de histórias não era voltada para as crianças. Os adultos recorriam à oralidade para contar os fatos que aconteciam ao seu redor e as histórias de sua comunidade, além de passar os conhecimentos à outras pessoas daquela época. Essa prática não era propícia a qualquer pessoa, pois requeria certo domínio da fala e de comunicação, tanto que na Grécia os sujeitos que contavam as lendas, crenças, poemas e mitos eram somente os atores, pois tal ação exigia a capacidade também de “representar”.

Contudo, todas as informações e histórias eram guardadas na memória; não existia ainda nenhum recurso que pudesse registrar o que se contava. À medida que a sociedade tornou-se mais complexa, essa prática foi se modificando e dando forma a outro jeito de narrar, sendo necessário um novo recurso para perpetuar o conhecimento – a escrita –, ganhando formatos e intenções diferenciadas.

Coelho ressalta que:

Ao estudarmos a história das culturas e o modo pelo qual elas foram sendo transmitidas de geração para geração, verificamos que a literatura foi seu principal veículo. Literatura oral ou literatura escrita foram as principais formas pelas quais recebemos a herança da Tradição que nos cabe transformar, tal qual outros o fizeram, antes de nós, com os valores herdados e por sua vez renovados. (COELHO, 2000, p.16)

Por isso, antes das crianças terem acesso aos livros de literatura, estes eram acessíveis somente para os adultos; as crianças não tinham acesso a essas leituras. E como destaca Coelho: “[...] a criança era vista como “adulto em miniatura”, os primeiros textos infantis resultaram da adaptação (ou da minimização) de textos escritos para

adultos.” (COELHO, 2000, p. 29) Porém, houve mudanças históricas que consolidaram um conceito mais específico do que seja “infância”, ou seja, somente nos fins do século XVIII que a necessidade de educar essa nova geração e fazê-los cidadãos mais civilizatórios ficaram mais forte. Com a Revolução Francesa e o processo de industrialização na Europa, começou a se pensar em um espaço de produção cultural para a população.

Desse modo, “nasce uma literatura de cunho didático, em que o lúdico é apenas um recurso para a instrução” (AMARILHA, 1997, p.46), o que possibilitou acrescentar o adjetivo “infantil” ao substantivo literatura, pois passou a ser acessível também para as crianças, denominando-se então de “Literatura Infantil”. Esses livros não são restritos somente para o mundo infantil; muitos adultos se interessam por esta leitura pelo fato de terem obras ricas em linguagem literária que despertam o prazer e o encantamento, assim como nas crianças.

Frantz (2011) ressalta a importância de publicarem-se livros que vão além de uma linguagem “*infantiloide*”, ou seja, simplificada, o que causa uma descrença na capacidade que a criança tem em se aprofundar em uma leitura de maior valor literário. Por outro lado, há literaturas que são carregadas de contexto moral e ético, que passam uma mensagem para a criança do adulto que ela deve ser e/ou deve obedecer. Desse modo, a literatura infantil não se torna algo prazeroso de ler, pois o que transmite são “regras” e valores de um mundo distante do mundo infantil. Pelo contrário, o autor considera que “[...] a principal função que assume a literatura é a de apresentar ao seu leitor uma visão aberta de mundo, com novas possibilidades de interpretação da realidade.” (FRANZ, 2011, p.45).

Para tanto, é importante que a criança tenha acesso aos livros que sejam propícios para a sua idade. Costa (2007) salienta este aspecto, pois muitas produções de livros infantis são distantes do mundo da criança, o que causa um desencontro entre o leitor e o livro. Por isso, é de suma importância que o professor saiba qual livro adequa-se aos interesses e necessidades de alunos ao fazer a atividade de leitura.

Nem todos os livros escolhidos pelo professor, de fato, agradam a todos os alunos, pois o que desperta o encantamento nas narrativas é quando o aluno as identifica com o que ele vive: emoções, angústias, alegrias e gostos semelhantes ao dos personagens. A

autora destaca que são poucas as narrativas infantis que trabalham essa perspectiva de identidade da criança. Por isso, destaca que:

A literatura, em sua natureza representativa e mimética, transforma em linguagem essa necessidade humana de construção da singularidade, de uma identidade idealizada porque não está definida, porque se encontra aos sabores e dissabores da vida. O leitor busca com frequência na literatura as perguntas e as possíveis soluções para os acontecimentos, os sentimentos e os pensamentos que o acometem pelo simples fato de estar vivo. (COSTA, 2007, p. 98-99).

Portanto, a autora salienta que o leitor se aproxima de maneira significativa daquilo que para ele tem relação com sua identidade, daquilo que faz parte da experiência do seu dia a dia e da sua história de vida. Assim, na escola, ao aproximarmos a criança de leituras que lhe tenham significado, ampliamos as possibilidades de aprimorar sua formação leitora. Esta estratégia pode ampliar os conhecimentos que o aluno apresentava antes de ingressar nessa instituição, os quais serão aprimorados por meio da mediação do professor, ao encaminhar uma prática que envolva a leitura, sobretudo de literatura infantil.

Desse modo, o que se espera da literatura destinada às crianças, é que possa atingir o universo infantil, ampliando seus conhecimentos acerca do mundo e de si própria. Vista dessa maneira, a literatura torna-se uma importante aliada nas indagações que as crianças fazem sobre si e a realidade que vivem, possibilitando reflexões por meio da arte literária. Portanto, pode-se dizer que a literatura é uma arte plena de ludicidade, fantasias, brincadeiras, pois a forma que é narrada, partindo da sonoridade, musicalidade e jogos de palavras, despertam na criança o interesse e o gosto pela leitura, possibilitando a exploração do mundo (FRANZ, 2011).

Ainda hoje, algumas famílias têm o costume de contar histórias para as crianças, desde bebês, antes de dormirem. Desta forma, desde muito pequenas, elas se familiarizam com a leitura feita pelos seus pais, avós, mães. Contudo essa tradição antiga, nos dias atuais, vem perdendo força devido às horas em que as crianças dedicam-se com outras atividades, como assistir desenhos animados, brincar com jogos e vídeos em computadores ou até mesmo em redes sociais, ir ao cinema – é mais fácil os pais levarem seus filhos para ver um filme do que sentar e dedicar um tempo para narrar histórias para

eles. Em classes menos favorecidas, as crianças, raramente, têm acesso a essas tecnologias. Com exceção da televisão, ir aos cinemas, brincar com jogos de computador, interagir em redes sociais, são práticas menos frequentes na vida dessas crianças e o contato com o mundo literário também é muito menor.

Contudo, é preciso lembrar que poucas crianças têm acesso a esse universo dentro de casa. Muito se houve falar que os pais não têm mais tempo para contar histórias a seus filhos, que o trabalho consome a vida diária deles e que, ao chegar a suas casas, depois de um dia exaustivo, não se têm “ânimo” para contar histórias para as crianças. Neste sentido, Bussato ressalta que “educar é também desfrutar o prazer de estar junto numa atividade gostosa. É descobrir que sempre há mais energia do que pensamos ter, e que ela poderá ser dirigida para preparar o sono do filho, por exemplo.” (BUSSATO, 2011, p.46). Portanto, é muito importante que os pais reservem ao menos um momento, antes de seus filhos dormirem, para contar histórias e interagir com eles. Essa orientação de Bussato faz-se necessária, pois, segundo Benjamin, está em vias de extinção. Em suas palavras:

São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências. (BENJAMIN, 1993, p. 197-198)

Desse modo, ao ingressar na educação infantil, quando o trabalho de narração de história é mais evidente, as crianças passam a se interessar pela literatura infantil, tanto que ao terem contato com qualquer livro, em casa ou fora da escola, elas fazem leitura partindo das ilustrações, narrando os desenhos.

Para Abramovich (1997), a leitura que acontece por meio da contação de histórias permite ao aluno sentir emoções por meio das narrativas dos personagens, bem como conhecer e descobrir novos lugares e outros tempos que não são os seus. Isso acontece porque a contação de histórias conduz os ouvintes, por exemplo, a fazerem uma leitura por meio da escuta, levando-os a pensar e a ver com os olhos da imaginação. Para ela,

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o

pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (ABRAMOVICH, 1997, p.17).

A história infantil é um instrumento cultural, seja na escola ou fora dela, pois permite que haja diálogo entre as pessoas, possibilitando que o leitor se torne um leitor crítico e tenha conhecimento acerca do mundo.

Ao se referir à leitura e ao espírito crítico das crianças, Abramovich destaca:

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquietada, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião... E isso não sendo feito uma vez ao ano... Mas fazendo parte da rotina escolar, sendo sistematizado, sempre presente – o que não significa trabalhar em cima dum esquema rígido e apenas repetitivo. (ABRAMOVICH, 1997, p.143).

Esse é um momento em que o professor cria um ambiente prazeroso de discussões sobre os livros que as crianças leram, é o momento de o professor descobrir o que elas sentem ao fazer a leitura, se gostaram ou não, se sentiram vontade de ler várias vezes o mesmo livro, ou se acharam sem graça. A partir disso, cabe ao professor desencadear várias discussões, permitindo que os alunos opinem e manifestem seus pontos de vistas.

A todo o momento a leitura está presente no cotidiano do indivíduo, seja por livros ou pela mídia. Por isso, os professores que formam leitores precisam estar informados com o que acontece no mundo para extrair dele ideias e atingir seus alunos e ensiná-los a serem críticos.

Há dois extremos que Coelho (2000) destaca como sendo intenções diferenciadas, mas que estão sempre presentes na narração de história: divertir e ensinar – nesse sentido ressalta que, a literatura infantil:

Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte. Sob outro aspecto, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, ela se inscreve na área da pedagogia. (COELHO, 2000, p.46)

Nesse sentido, portanto, torna-se indispensável repensar a prática da narrativa, integrando-a de maneira dinâmica, interativa e criativa às práticas escolares. Por isso, Abramovich (2011) destaca que para saber contá-la e não simplesmente lê-la, é preciso também conhecer técnicas e recursos didáticos, pela autora chamados de “segredos”. Compreende-se como “segredos” a necessidade de que essa prática seja planejada. Portanto, contar uma história não é simplesmente ler qualquer livro que encontrar pela frente. Trata-se de uma ação que requer estudo do livro, preparação do professor para que a história possa atingir os alunos e levá-los ao mundo da imaginação e encantamento. Ler uma história requer sensibilidade, deixar fluir no meio dela melodias, imitação de voz, brincar com as palavras.

Uma história narrada de qualquer jeito não desperta a atenção das crianças, principalmente das pequenas. Por isso, o professor deve estudar anteriormente a história. Ele precisa estar íntimo da história que lerá ou contará para seus alunos, para que eles também sintam prazer pela leitura. Caso contrário, irá se perder nas palavras, não saberá dramatizar, envolver os ouvintes e muito menos sensibilizá-los para com o texto narrado.

Portanto, pensar na importância que a narração de história tem para o desenvolvimento infantil é pensar em uma prática que oportuniza as crianças a melhor se comunicarem e se relacionarem com outras crianças e com adultos, favorecendo o seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e comunicativo. Permite também que a criança exponha sua opinião e crie outras formas de contar a história.

Há diferentes formas de levar os alunos ao encontro da narrativa. Bussato (2011) explica que é preciso que o professor eduque o “ouvir” enquanto estiver narrando uma história e faça um “pacto” com os alunos de que durante a narração ninguém poderá sair da sala e nem interrompê-lo. Pouco se tem trabalhado a percepção auditiva com os alunos nas salas de aula, talvez seja pela descrença que o professor tem nela, desacreditando que seus alunos tenham paciência para sentar e ouvir em silêncio uma narração de história, diz a autora.

Não se trata apenas de ler um livro para ocupar um espaço vago ao final da aula, mas é preciso que o professor estude a história, use imitação de voz, faça uma narração bem feita, coloque musicalização nas palavras, entone a voz, articulando silêncio e som,

e, principalmente, que envolva o sentimento, como já dissemos anteriormente. Segundo Bussato (2011), isso é essencial para estimular o aluno a sentir prazer pela leitura e fazer com que aconteça o silêncio durante o conto.

Muitos são os argumentos que podemos citar explicando porque devemos contar histórias para as crianças na escola. Bussato (2011) destaca que ao contar uma história não se atinge somente à prática pedagógica, mas também o nível do pensamento do aluno, o que possibilita formar leitores, valorizar diferentes culturas, sentir e se encantar pela história, estimular o imaginário, alimentar o espírito e assim por diante.

Ela destaca também que há diferenças entre contar história para uma única pessoa e contar para um grupo, como em uma sala de aula. Contar para uma criança, como por exemplo, um filho que ouve a história narrada por seus pais em casa antes de dormir, é uma experiência diferente pelo fato de se conhecer as características da criança e saber qual história é mais apropriada para o momento que ela vive. Além disso, quando se conta para uma única criança, a preocupação em fazer uma narração cheia de recursos não se torna tão necessária, diferentemente do que acontece em sala de aula, quando é essencial que a narração seja bem preparada e feita com mais empenho.

Sendo assim, Coelho pontua que:

Em casa ou na “escolinha”, a presença do adulto é fundamental quanto à sua orientação para a *brincadeira* com o livro. Aprofunda-se a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem através das atividades lúdicas. Tudo o que acontece ao redor da criança é, para ela, muito importante e significativo. (COELHO, 2000, p.33).

Para o professor, principalmente se estiver diante de uma turma numerosa, as técnicas as quais poderá recorrer serão diferentes de uma narração individualizada, iniciando com a escolha da história a ser narrada. A história deverá ser escolhida pensando no coletivo. Isto permitirá que os alunos extraiam dela o que mais se aproximou de sua história de vida. Desse modo, a narrativa de histórias compartilhada entre as crianças e os professores, estimula o contato com a leitura, desperta o interesse de ler, ouvir, criar e recriar novas histórias.

Portanto, cabe ao leitor (nesse caso o professor) apresentar a literatura para as crianças de forma lúdica, mas com seriedade, fazendo com que elas exercitem seu

pensamento e se despertem para a leitura. Se o professor, em sua sala de aula, transmite na sua narração o desânimo e o desprazer em fazer uma leitura de um livro, é assim que o aluno olhará também para a leitura. O entusiasmo deve vir, primeiramente, por parte do narrador, encarando essa prática pedagógica não como apenas uma distração, mas um caminho que leve o aluno a sentir prazer pelo conto literário e assim poder ampliar seu universo de leituras e escritas. É por isso que Costa afirma que:

Para que a literatura cumpra seu papel no imaginário do leitor, é fundamental a mediação do professor na condução dos trabalhos em sala de aula e no exemplo que ele dá aos seus alunos, lendo e demonstrando sempre que possível, a utilidade do livro e o prazer que a leitura traz para o intelecto e a sensibilidade. (COSTA, 2007, p.20)

Ao contar uma história, seja para uma ou para várias crianças, não se deve esquecer, segundo Bussato (2011), que é muito importante que seja narrada com o coração e que tenha sentido para as crianças. Narrar com o coração significa, primeiramente, dedicar-se, entregar-se inteiramente a isso, com prazer e vontade. Quando isso acontece, esse ato de entrega e generosidade para com o outro faz bem não somente para o ouvinte, mas também para quem está narrando a história, pois nesse momento a experiência de vida e a atuação do narrador permite que a história sensibilize o ouvinte.

Há este fator, que Bussato (2011) destaca como sendo o primeiro segredo para o sucesso de uma contação de história, acrescentamos, colocando em primeiro plano, a necessidade de que esta prática, se realizada dentro de ambientes educativos, seja organizada e planejada de tal forma que todas as ações nelas imbricadas sejam intencionais.

Como vimos na citação anterior de Costa (2007), o professor, com suas metodologias e experiências, tem que ser o mediador nesse processo de leitura, para que os livros e as histórias se tornem algo prazeroso de ler, além de apresentar para as crianças a utilidade que o livro e a leitura têm para a vida deles. A esta ideia, Amarilha acrescenta que:

A história, lida ou contada, desempenha uma função catalisadora de interesse e prazer. Ora, se as crianças se mobilizam é porque o mundo

organizado em narrativa corresponde a seus interesses e anseios e, por conseguinte, é significativo para elas. (AMARILHA, 1997, p.18)

Abramovich (2011) também ressalta que no início da vida da criança, ao ingressar na escola, é essencial a postura do professor fazendo leitura em voz alta, mostrando as gravuras dos livros, pois isso permite que a criança aprimore seu vocabulário. Aos poucos, além de a criança se encantar com as histórias, de estimular a sua imaginação, ela irá conhecer aspectos relacionados à estrutura de um texto, como a temporalidade (antes e depois). É interessante que, depois de o professor narrar uma história em voz alta para toda classe, muitas vezes, a criança pede novamente o livro para que possa lê-lo sozinha (seja por meio das ilustrações ou da escrita).

As crianças que ainda não são alfabetizadas também precisam ter esse contato com os livros de literatura infantil, até mesmo porque tal prática permite que elas exercitem a imaginação, o olhar e a comunicação que possibilitarão um maior conhecimento acerca dos textos mais complexos que futuramente irão encontrar.

O contato com o mundo da literatura não deve ser apenas no momento em que o professor narra uma história, mas deve ser constante. O aluno, além de ter contato com a leitura de forma compartilhada, precisa também ter contato individualizado e em grupos, com frequência.

Costa ressalta que “a atualidade apresenta para as crianças uma variedade de discursos formulados em linguagens verbais e não verbais, como a publicidade, o cinema e a televisão” (COSTA, 2007, p.68). A respeito das linguagens não verbais, a referida autora considera indispensáveis as imagens contidas nos livros de literatura infantil. De acordo com a autora, o professor não pode desprezar as leituras visuais e auditivas. Ela faz essa afirmação salientando que a publicidade, a história em quadrinhos, a televisão, o cinema, a música – que recorrem à linguagem não verbal, presentes constantemente na vida das crianças –, ocupam mais espaço do que os livros de literatura infantil.

Tais livros, por conterem ilustrações, quando oferecidos nas escolas às crianças, permitem que elas os interpretem, não apenas pelo conteúdo do texto escrito, mas também visualmente. Costa (2007) afirma que a ideia de que a ilustração é um elemento importante, principalmente na fase de alfabetização da criança, foi disseminada, por considerarem-na um componente do livro infantil que possibilita sua interpretação por

meio da leitura de imagens. Amarilha corrobora com este pensamento afirmando que “a ilustração, além de deter o enredo da história, também sinaliza sobre o significado das palavras”. (AMARILHA, 1997, p.41)

Vale ressaltar que cada criança tem uma visão diferenciada; imagens que o professor interpreta no livro de uma forma, a criança pode visualizar como algo totalmente diferente. Portanto, a autora destaca que a ilustração-imagem visual é algo essencial na vida da criança, na sua formação como leitor, provocando o “o olhar de descoberta” diante do mundo e das histórias (COSTA, 2007, p. 71).

Nesse sentido, a autora resalta que é importante reintegrar as narrativas aos currículos, porém de forma adaptada à realidade atual da criança, pois, além do contato com a linguagem, as narrativas proporcionam estímulo para o prazer de ler, contar, ouvir e criar novas histórias.

Desse modo, segundo Costa (2007, p.67), a escola, mais do que qualquer outra instituição social, é primordial para a formação do leitor, por isso, nela deveriam ter professores qualificados, livre acesso à biblioteca (e não somente uma vez por semana), planejamento e metodologia que tornam o trabalho pedagógico mais eficaz tendo em vista a formação dos leitores. Não podemos esquecer que para a criança se tornar um bom leitor é preciso que o professor medie o contato com o texto escrito, destacando a literatura infantil, e ensine a escrever, ler e interpretar.

Portanto, a narração de história possibilita uma relação da criança com a linguagem escrita, estimulando-a a aprender a ler e escrever. Para que isso aconteça o professor precisa apresentar livros para as crianças, despertar nelas o prazer pela leitura. Essa é mais uma prática enriquecedora para o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, pois desperta nos alunos vontade de ler e contar histórias iguais as que o professor conta.

O professor configura-se em um sujeito capaz de fazer com que os alunos sintam prazer pela leitura, podendo utilizar a narração de história como um fator relevante para conduzi-los ao mundo da imaginação, ao mundo da leitura e da escrita.

A partir das reflexões aqui apresentadas acerca da importância da narração de história para o desenvolvimento infantil, destacamos o papel do professor na promoção

de contatos significativos da criança com a Literatura infantil, tendo em vista a formação do leitor.

2. FREQUÊNCIA DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIA NOS PLANEJAMENTOS ESCOLARES

Essa seção tem por objetivo verificar a frequência de práticas de narrações de histórias e a forma como são registradas em planejamentos de professores dos anos iniciais do ensino fundamental. Para tanto, foram analisados cadernos que continham planos de aulas implementados ao longo do ano letivo de 2013, em uma escola pública de um município do noroeste do Paraná. São quatro cadernos, sendo dois de turmas de 1º ano, um de 2º ano e um de 3º ano. As quatro professoras que gentilmente cederam esses cadernos constituem nossos sujeitos da pesquisa e, para evitar identificação, serão chamadas de sujeito 1 (S1), sujeito 2 (S2) e assim por diante. Também colaborou com essa pesquisa, a pedagoga responsável por coordenar o trabalho pedagógico da escola – lócus dessa pesquisa.

Como já dito anteriormente, a narração de história na educação infantil é mais frequente do que no ensino fundamental, pelo fato de nos anos iniciais os professores se preocuparem mais com os conteúdos programáticos, acreditando que a narração de história é somente um aspecto lúdico para ser trabalhado quando houver necessidade. Por isso, nos despertou o olhar para essa temática pensando na necessidade e na importância da narração de história para esse nível de ensino, reconhecendo a necessidade de esta prática ser planejada pelos professores.

Como afirma Oliveira:

Nota-se que há, em geral, uma preocupação por parte dos educadores, sobretudo nas escolas de Ensino Fundamental, de incentivar a criança à leitura... A sala de aula é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do gosto da leitura, assim, como um importante setor para o intercâmbio da cultura literária, não podendo ser ignorada, muito menos desmentida sua utilidade. (OLIVEIRA, 2012, p.10)

É um desafio para os professores incentivar os alunos a se interessarem pela leitura, mesmo sendo na escola que esse estímulo deve acontecer, para isso é preciso que haja preparação dessa prática pedagógica de se narrar história. Ler um livro vai muito além do passar de olhos: toda história tem seus segredos, encantamentos, requer técnicas

e habilidades para que desperte nas crianças o desejo pelas histórias e assim seja iniciada a formação de leitores.

A história bem narrada e planejada contribui no processo de aprendizagem, desde o incentivo à leitura e à escrita, até mesmo com as noções de valores e sentimentos, ou seja, a história é importante tanto no aspecto educativo quanto na formação cultural da criança.

De acordo com Oliveira,

A literatura infantil permite inter-relacionar diferentes disciplinas estudadas em sala de aula. Dependendo do tema da história e das metas do professor, propicia o desenvolvimento de um ensino interdisciplinar. A obra literária infantil trabalha com a vida. Enquanto tal, apresenta-se como recurso de ensino não limitado ao ensino da Língua; daí a possibilidade de sua utilização integradora no ensino de diferentes disciplinas. (OLIVEIRA, 2012, p.14)

Pensando nisso, verificamos nos cadernos, nos quais os professores registravam seus planejamentos, as data que ocorreram as narrações de histórias, qual história contada, quais os recursos utilizados e com qual finalidade foi trabalhada. Para melhor organização, elaboramos quatro quadros referentes aos quatro cadernos que utilizamos para nossa pesquisa com as informações acima citada. Abaixo apresentaremos o quadro 1, referente aos dados colhidos no caderno do 1º ano A, cuja professora será identificada como sujeito 1 (S1).

Quadro 1 – Caderno de planejamento 1º ano A/ Sujeito 1

DATA	HISTÓRIA	RECURSO	FINALIDADE
14/02/2013	Odeio esse apelido	Nenhum	Trabalhar sobre “o que é o respeito”
05/03/2013	Eu queria ter um urso	Nenhum	Não indicada
21/03/2013	Verdes, azuis, e vermelhinhas	Nenhum	Trabalhar a recontagem feita pelos alunos e a contextualização da história
15/04/2013	Brincadeira é coisa séria	Nenhum	Trabalhar as diferentes brincadeiras

22/04/2013	Dia de Sol na fazenda	Nenhum	Algumas atividades acerca do livro
25/04/2013	Brincadeira é coisa séria	Nenhum	Trabalhar a palavra “BRINCAR” e retomar conversas sobre as brincadeiras
29/05/2013	O sanduíche da Dona Maricota	Dramatização	Não indicada
03/06/2013	Pêssego, pera, ameixa no pomar.	Nenhum	Releitura feita pelos alunos e interpretação oral; trabalhar os alimentos.
19/06/2013	Os três Porquinhos	Nenhum	Montagem de casas e prédios com lego; Trabalhar moradias.
29/07/2013	Festa de aniversário	Nenhum	Interpretação oral, ilustração e tentativa de escrita.
30/07/2014	O príncipe Sapo	Nenhum	Trabalhar o gênero textual: contos de fadas.
14/08/2013	Os três Porquinhos	Nenhum	Gênero: contos de fadas (ilustração e tentativa de escrita)
23/10/2013	Bruxa, Bruxa venha a minha festa	Nenhum	Explorar a escrita da palavra “BRUXA”
12/11/2013	Os três Porquinhos	Nenhum	Montar livreto – jogo de palavras: LOBO

Fonte: Dados de pesquisa

É possível observar que durante o ano de 2013, o S1 narrou 14 histórias para seus alunos do 1º ano. Considerando-se que o ano letivo tem 200 dias de aula, se dividirmos essa quantidade de dias letivos pelo número de histórias narradas, considera-se matematicamente que, a cada 14 dias letivos, as crianças tiveram a oportunidade de ouvir uma história contada pela professora. Além disso, se consideramos que uma semana tem cinco dias letivos, isto equivale a dizermos que essas crianças ouviam apenas uma história a cada três semanas aproximadamente, conforme registrado em planejamento.

Analisando os títulos das histórias, observa-se que entre as 14 que foram narradas há dois que se repetem: “Brincadeira é coisa séria”, que foi contada duas vezes, e “Os três porquinhos”, narrada três vezes. Observamos também que, apesar de repetida, a

finalidade de cada dia foi diferenciada e que, em nenhuma dessas situações, o autor da história foi registrado no planejamento. Não avaliamos essa situação como negativa, pois, quando contada com entusiasmo, envolvendo as crianças, elas gostam de ouvir duas ou mais vezes a mesma história.

Também é possível observar no quadro acima que, em apenas uma das situações de narração de história, o S1 recorreu ao uso de um recurso – a dramatização. Subentende-se que nas demais situações apenas foi utilizado o livro que continha a história.

Em relação à finalidade pela qual a história foi contada, observa-se que de alguma forma a professora partiu dela para introduzir atividades relacionadas com outros conteúdos que exploraria no dia. As finalidades são as mais diversas possíveis. Com maior frequência aparecem finalidades relacionadas com interpretação de texto e com sistematização do código escrito. No primeiro caso, o S1 indica a realização de atividades que exigiam que as crianças recontassem a história, de contextualização, releitura, interpretação oral, ilustração e montagem de livreto. Incluímos aqui o trabalho envolvendo as características do gênero textual contos de fada. No segundo caso, foram registradas atividades que envolviam tentativas de escrita e exploração do registro de palavras significativas dos textos, tais como: BRINCAR, BRUXA e LOBO. Além disso, também houve situações nas quais a finalidade da narração de história estava relacionada a introdução de conteúdos de outras áreas de conhecimento. Com a história “Brincadeira é coisa séria”, por duas vezes foi explorada com as crianças a existência de diferentes brincadeiras, destacando as que os pais e avós brincavam. Para trabalhar o conteúdo Alimentação foi contada a história “Pêssego, pera, ameixa no pomar” e para explorar o conteúdo Moradia, a história “Os três porquinhos”.

Destacamos que, em duas situações, o S1 não indicou a finalidade pela qual as histórias “Eu quero ter um urso” e “O sanduiche da Dona Maricota” foram contadas para as crianças. Poderíamos inferir que, nestas ocasiões, explorar a fruição, característica do texto narrativo, era o objetivo do S1. Contudo, pelo fato de “O sanduiche de Dona Maricota” ter sido contada quatro dias antes da história “Pêssego, pera, ameixa no pomar”, pode-se questionar a inferência acima exposta, pois o objetivo desta última narração estava relacionado com o conteúdo Alimentação. Sendo assim, provavelmente,

a história “O sanduiche de Dona Maricota”, devido ao seu enredo, foi utilizada com a finalidade de introduzir o referido conteúdo.

O segundo caderno analisado também era de uma turma de 1º ano do ensino fundamental, cuja professora será identificada como S2. Abaixo segue o quadro 2 com os dados colhidos nesse caderno de planejamento.

Quadro 2 – Caderno de planejamento 1º ano / Sujeito 2

DATA	HISTÓRIA	RECURSO	FINALIDADE
08/02/2013	Maria vai com as outras	Nenhum	Não indicada
14/02/2013	E eu com isso	Nenhum	Ilustração da história com tentativa de escrita
18/02/2013	Uma joaninha diferente	Dramatização	Trabalhar as diferenças e fazer dobradura (joaninha)
19/02/2013	Gláucio o caracol enrolado	Nenhum	Trabalhar com massinha de modelar o que gostaram da história
20/02/2013	João e Maria	Nenhum	Não indicada
21/02/2013	O amigo urso	Nenhum	Não indicada
28/02/2013	O Pinóquio	Nenhum	Não indicada
03/04/2013	Verdes, azuis e vermelhinhas	Nenhum	Gênero textual: Relato de experiência
07/05/2013	Brincadeira é coisa séria	Nenhum	Trabalhar atividades de acordo com a palavra “BRINCAR”
04/06/2013	A Cinderela	Nenhum	Não indicada
30/07/2013	João e o pé de feijão	Nenhum	Não indicada
04/09/2013	A Cesta da dona Maricota	Nenhum	Trabalhar os alimentos
23/10/2013	Bruxa, bruxa, venha à minha festa	Nenhum	Gênero textual: Histórias com repetição.

Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que durante o ano de 2013, o S2 narrou 13 histórias para seus alunos do 1º ano. Seguindo o mesmo raciocínio apresentado anteriormente, podemos dizer que, a exemplo do que aconteceu com a outra turma de 1ºano, essas crianças ouviram apenas uma história a cada três semanas aproximadamente.

Analisando os títulos das histórias, observa-se que nenhuma das histórias que foram narradas se repete e que, em nenhuma dessas situações, o autor da história foi registrado no planejamento.

No quadro acima se pode observar também que, em apenas uma das situações de narração de história, o S2 recorreu ao uso de um recurso – a dramatização –, assim como no quadro 1. Subentende-se que nas demais situações também foi utilizado apenas o livro que continha a história.

Em relação à finalidade pela qual a história foi contada, observa-se que de 13 histórias narradas, apenas seis tiveram finalidade registrada em planejamento. Aparecem finalidades relacionadas com sistematização do código escrito e exploração do registro de palavras significativas do texto, como BRINCAR. Houve situação no qual a finalidade da narração de história estava relacionada à introdução de conteúdos de outras áreas de conhecimento, especificamente de Língua Portuguesa e de ciências.

Destacamos que, em seis situações, o S2 não indicou no caderno de planejamento a finalidade pela qual as histórias “Maria vai com as outras”, “João e Maria”, “O amigo urso”, “O Pinóquio”, “A Cinderela”, “João e o pé de feijão” foram narradas. Poderíamos inferir que, nestas ocasiões, explorar a fruição, característica do texto narrativo, era o objetivo do S2.

O terceiro Caderno de planejamento a ser analisado, foi da turma do 2º ano do ensino fundamental, cuja professora será identificada como/ S3.

Quadro 3 – Caderno de planejamento 2º ano / Sujeito 3

DATA	HISTÓRIA	RECURSO	FINALIDADE
10/05/2013	O que você e sua família fazem juntos e o que cada um faz sozinho?	Nenhum	Trabalhos sobre a “Família” – tema: Eu e o grupo familiar.

Fonte: Dados da pesquisa

Como podemos perceber apenas uma história foi registrada durante o ano letivo de 2013, na turma de 2º ano do ensino fundamental. Verifica-se que nessa única situação

não houve utilização de recurso didático, mas existiu uma finalidade relacionada com o tema que a professora estava trabalhando naquele dia – Família.

O último caderno analisado foi da turma do 3º ano do ensino fundamental, cuja professora será identificada como S4.

Quadro 4 – Caderno de Planejamento 3º ano / Sujeito 4

DATA	HISTÓRIA	RECURSO	FINALIDADE
01/04/2013	A foca famosa	Nenhum	Atividades sobre a história (questionários)

Fonte: Dados da pesquisa

No caderno de planejamento dessa turma de 3º ano também foi registrado somente uma narração de história durante todo o ano letivo de 2013. A mesma não apresentou nenhum recurso para auxiliar a narração e foram realizadas atividades de interpretação da história. Como pudemos notar, a prática pedagógica de narrar história para crianças dos anos iniciais do ensino fundamental foi pouco registrada em planejamento pelos sujeitos dessa pesquisa.

Sendo assim, consegue-se concluir a partir destes dados que, na imensa maioria das vezes em que tais sujeitos recorreram a essa prática, tendo ou não finalidades declaradas nos planejamentos, o fizeram sem utilizar nenhum recurso didático.

No geral, observou-se também que as finalidades pelas quais os sujeitos narraram histórias para seus alunos nem sempre são indicadas nos cadernos de planejamento. Tais finalidades ficaram mais evidentes na turma do 1º ano, cuja professora foi identificada como S1. Já o S2, apesar de trabalhar com uma turma também de 1º ano, registrou a finalidade da sua ação em apenas metade das situações de narração. A situação nos demais casos é mais agravante, fato que nos leva a questionar: será que o registro no caderno corresponde, de fato, à quantidade de histórias que as crianças do 1º, 2º e do 3º ano ouviram ao longo do ano letivo?

Em razão desse questionamento, realizamos uma entrevista com a pedagoga que ocupa o cargo de coordenação da escola onde os sujeitos desta pesquisa atuam. A partir desse momento, a identificaremos como S5. Ela nos esclareceu que todas as professoras contam histórias para as crianças de 2 a 3 vezes por semana, para os alunos do 1º e 2º

ano, e para as demais séries, no mínimo uma vez por semana. As professoras dos menores utilizam-se de fantoches, dramatização, uso do corpo e da voz para narrar as histórias. Já as professoras do 3º, 4º e 5º ano usam da própria fala e das imagens do livro para em seguida fazer a interpretação oral e a compreensão do que foi narrado.

Todos os dias, na sala de aula, os professores fazem uma assembléia, tanto no começo quanto no final da aula, e as professoras aproveitam algum desses momentos para incluir a narração de história. A S5 nos relatou que as professoras contam as histórias muito mais pelo prazer do que como pretexto para iniciar outras atividades ou disciplinas.

Na escola ocorre um trabalho mais sistematizado de leitura, que acontece na biblioteca. No período da manhã, tem uma professora que fica na biblioteca fazendo empréstimos de livros, e cada aluno escolhe o que mais lhe agrada; na próxima semana os alunos devolvem os livros e escolhem outro. No período da tarde, como não têm a bibliotecária, as professoras, na própria sala de aula, tem uma caixa de livros em que as crianças também podem escolher aquele que deseja emprestar. Em cada sala tem o cantinho da leitura, que permite que a criança tenha livre acesso para com os livros.

Outro projeto de leitura interessante que a escola executa é que, durante o ano letivo, ao menos duas vezes no mês, cada sala de aula escolhe um livro, juntamente com a professora, e apresentam para toda a escola no pátio do colégio. Essa é uma rotina da escola em que todas as turmas devem participar. No caso dos alunos do 3º ao 5ºano, a literatura ocorre mais sistematicamente: os professores montam um cronograma de leitura em conjunto com a coordenação da escola. As literaturas são cobradas, trabalhadas com os professores, primeiramente, com interpretação oral, e depois eles recebem uma avaliação com várias perguntas relacionadas às literaturas que leram para que respondam e entreguem para o professor no qual avaliará o nível de leitura dos alunos. Segundo a pedagoga, alguns professores fazem esse trabalho de narração de história nos espaços fora da sala de aula, ao ar livre.

O S5 nos ressaltou também, que em conversa com as professoras sobre a necessidade de registrar o trabalho com as narrações de histórias nos cadernos de planejamento, as mesmas disseram que não registram no caderno, que não veem necessidade de registrar pelo fato de que ficou algo automático para elas, algumas

disseram que não planejam a história, por isso, o registro é descartado e apenas uma concordou que é importante o registro e o planejamento das histórias.

Diante dessa análise que fizemos dos cadernos de planejamento dos professores e da entrevista com a pedagoga, podemos observar que, se a quantidade de narrações de história é maior do que as que estão registradas nos planejamentos, confirma-se o pensamento de que a narração de histórias não é concebida pelos professores como uma prática pedagógica que requer planejamento, intencionalidade e sistematicidade.

A narração de história precisa fazer parte do planejamento do professor, ou seja, precisa haver períodos dedicados à leitura com o objetivo de formar crianças que gostam de ler e de escrever. E para enriquecer ainda mais a prática educativa de narração de histórias, Peres ressalta aos professores que:

O professor-contador é corpo, voz, é expressão, é ritmo, é movimento, é memória e também emoção contribuindo com a aprendizagem dos alunos, ampliando o conceito, encantando e divertindo a turma e, obviamente, contribuindo com a formação do leitor, despertando o gosto pela leitura, favorecendo conseqüentemente, o hábito de ler. (PERES, 2009, p.12)

Para tanto, é necessário que o docente primeiramente inclua histórias em seus planejamentos e, partindo delas, trabalhe tanto os aspectos lúdicos quanto os aspectos educativos, articulados aos conteúdos de sala de aula. Isso trará muitos benefícios para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Costa (2007) ressalta que a literatura, enquanto forma de conhecimento, é aquela que assume função informativa, que vai abrindo portas para o saber, propiciando o acesso ao conhecimento e as informações para a vida. Dessa forma, trabalhar com a literatura infantil significa contribuir para a formação integral da criança, inserindo-a em diversas situações.

O uso de recursos didáticos é um dos fatores que desperta nos alunos o interesse por ouvir muitas histórias. Se a literatura na sala de aula fosse vista de maneira diferente e não como uma “obrigação” a ser cumprida por parte do aluno para que responda questionários, um número maior de crianças se interessaria pela leitura de histórias.

Observamos nos cadernos analisados, com exceção do S1, que pouco se trabalha a história inter-relacionando-a com outras disciplinas. O S1, como dissemos, trabalhou com um número maior de histórias e com mais finalidades definidas do que os S2, S3 e S4. Contudo, podemos afirmar que a imensa maioria das narrações feitas e registradas nos planejamentos, partiu apenas de leituras de livros, sem recorrer ao uso de recursos didáticos.

Para Debus (2006), o contar histórias implica diretamente na aprendizagem da leitura e da escrita, visto que, por meio da narração de histórias, a criança entra em contato com a linguagem e novos vocabulários e toda a estrutura da narrativa, como: a noção de início, meio e fim ajuda-as a elaborar suas próprias histórias. Portanto, narrar literatura para as crianças está diretamente ligado ao processo de alfabetização.

A paixão pela leitura deve vir, primeiramente, por parte do professor, buscar estudar novas histórias, preparar recursos didáticos, mesmo que simples, mas que provoque um encantamento pela narração. As crianças se interessam por trabalhos diferenciados e práticas prazerosas de narração de histórias.

Sendo assim, Oliveira pontua que:

O melhor instrumento e a técnica mais eficiente são o amor e a criatividade, unidos a preocupação com os objetivos do trabalho, com o nosso público e com a mensagem a ser transmitida. É preciso que o professor goste de literatura infantil, que ele se encante com o que lê, pois somente assim poderá transmitir a história com entusiasmo e vibração. Se o professor for um apaixonado por literatura infantil provavelmente, os alunos se apaixonarão também. (OLIVEIRA, 2012, p.17)

Para colaborar com o reconhecimento de que a prática de narrar histórias em ambientes educativos deve ser cuidadosamente planejada, podendo, para tanto, recorrer ao uso de diferentes recursos didáticos, a seguir apontamos diferentes possibilidades de narrar histórias para as crianças, tendo em vista a promoção do processo de letramento e o estímulo à aprendizagem da leitura e escrita.

3. DIFERENTES POSSIBILIDADES E TÉCNICAS DE NARRAR HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS

A partir do reconhecimento da importância da narração de história para o desenvolvimento infantil, ressaltamos que o professor é o sujeito que fará com que os alunos sintam prazer pela leitura tendo em vista a formação do leitor. Por isso, nessa seção, levantaremos diferentes possibilidades de narrar histórias para as crianças, tendo em vista a promoção do processo de letramento e o estímulo à aprendizagem da leitura e escrita.

Conhecer diferentes possibilidades e técnicas de narração de história é fundamental para que ocorra um trabalho educativo por meio do contato com a leitura. Oliveira (2011) destaca algumas contribuições da narração de histórias para o desenvolvimento infantil: essa prática promove o desenvolvimento da atenção, da memória, da imaginação, de estratégias de compreensão, de habilidades motoras, amplia o vocabulário, permite o contato com a metalinguagem, provoca emoções.

Também Dhome (2010) cita alguns aspectos que podem ser desenvolvidos nas crianças através das histórias: caráter, raciocínio, imaginação, criatividade, senso crítico e disciplina. Para a autora, histórias que exploram o caráter são aquelas que tratam de conteúdos relacionados a lições de vida – as fábulas, por exemplo, mostram a relação entre “bem e mal”, transmitindo valores às crianças.

As histórias que trabalham com o raciocínio são aquelas mais elaboradas, que estimulam o pensamento das crianças causando nelas a vontade de fazer indagações. A imaginação é um aspecto primordial na narração de história, assim como a criatividade. Ambas devem estar interligadas para que as “fantasias” ocorram na mente das crianças.

Para o desenvolvimento do senso crítico e da disciplina, aspectos importantes também ressaltados pela autora, as histórias são ferramentas que possibilitam às crianças terem opinião própria e exporem suas indagações, participando do momento da narração de história com entusiasmo e, principalmente, prestando atenção.

Dhome (2010) também destaca alguns valores que a criança adquire ao ter contato com a narração de história, tais como: alegria, amor, partilha, credibilidade, cooperação, cortesia, honestidade, igualdade, justiça, lealdade, limpeza, misericórdia, paciência, paz, respeito, responsabilidade, solicitude, tolerância. Segundo a autora, “as histórias são úteis

na transmissão de valores por que dão razão de ser aos comportamentos humanos.” (DHOME, 2010, p. 23). Portanto, é preciso que o professor, antes de contar uma história, reflita sobre quais aspectos serão transmitidos para a criança, lembrando que toda história interfere nos valores e experiências de vida da criança.

Para se contar uma história são necessárias algumas ferramentas consideradas de extrema importância para que ocorra, por meio delas, um processo educativo.

A narração de história pode se constituir um instrumento para o processo de desenvolvimento da criança. Por isso, além de encantamento e diversão, a narração de história é uma importante ferramenta educacional, a qual nos remete a pensar a que ponto ela poderá contribuir para o desenvolvimento da criança. Neste sentido, Dhome ressalta que:

Todas as histórias contribuem de uma forma ou de outra para a educação, porém diferenciam-se quanto a intensidade e características. Um desenvolve a imaginação, outras o senso crítico, por exemplo. O mesmo se dá com a questão dos valores. É preciso destacar os aspectos éticos de cada história para poder enfatizá-los na sua adaptação e narração. (DHOME, 2010, p.29)

Ao pensar a prática de narração de história como uma ferramenta necessária ao desenvolvimento infantil, é preciso saber que essa prática requer planejamento, levando em consideração que, ao tratar da “escolha” de uma história, é importante que o professor conheça o mundo infantil, sabendo quais são seus heróis, os desenhos animados preferidos, os filmes infantis que as crianças assistem, as brincadeiras prediletas, enfim, que conheça as preferências das crianças. Dhome (2010) ainda pontua que somente desta forma será possível fazer uma boa escolha de histórias dentro do contexto que se quer abordar.

Para ela, “a pesquisa, o teste e o treino farão com que de uma história se chegue à outra e, com alguma habilidade e dedicação, estaremos aptos a fazer adaptações à técnica desejada ou mesmo criar nossas próprias histórias” (DHOME, 2010, p.25).

Ter claro o objetivo que se quer alcançar com tal história facilita ao professor planejar o seu trabalho, estudando o enredo, seus elementos, a mensagem que a história transmite e, em seguida, a técnica que melhor se adaptará. É interessante apresentar a

leitura assim como está no livro, mas por vezes o narrador deverá usar sua criatividade e adaptar a história que está lendo, isso pelo fato de muitos livros terem leituras extensas e cansativas ou não possuírem detalhes que estimulam a imaginação das crianças.

É importante também que o professor faça anotações após a história, registrando as adaptações feitas e, principalmente, trabalhe com as crianças de maneira lúdica a interpretação da história, para que assim não fique mais uma narração perdida e sem intencionalidade.

Por isso, mais uma vez é ressaltada a importância de escolher um livro de história e de estudá-lo antes de narrá-lo para as crianças, fazendo adaptações possíveis e relacionando-o a faixa etária dos alunos. É dentro do planejamento que o professor deve fazer a seleção das histórias a serem narradas. Nesse sentido, Dhome (2010) pontua as histórias adequadas para cada idade:

Quadro 5 – Histórias adequadas para cada idade

IDADE	HISTÓRIAS
0 a 3 anos	Histórias que envolvam bichinhos, brinquedos, animais e personagens infantis.
3 a 6 anos	Histórias fantasiosas, com fatos inesperados e repetitivos, com personagens que são crianças e/ou animais.
7 anos	Histórias que envolvam aventuras, contos de fada e fábulas.
8 anos	Histórias que utilizam fantasias de formas mais elaboradas e vinculadas com a realidade.
9 anos	Histórias de aventuras em ambientes como: selva, oriente, fundo do mar, planetas, histórias de fadas, etc.
10 a 12 anos	Narrativas de viagens, explorações, invenções, mitos.

Fonte: Dhome, 2010, p. 25 - 26.

Contudo, não há rigidez nessa classificação, pois crianças com idade entre 7 e 12 anos, por exemplo, podem se interessar por histórias que envolvam bichinhos, brinquedos, fantasias, as quais, a princípio, são mais apropriadas para crianças de 3 anos.

Cunha (1989) e Dhome (2010) também consideram importante a associação da faixa etária com a narração de história. Eles destacam que na literatura infantil são relevantes três fases que estabelecem relações com o desenvolvimento da criança: a do

mito, a do *conhecimento da realidade* e a do *pensamento racional*. Em cada uma dessas fases determina-se a idade e a história que melhor se adapta a essa faixa etária:

Quadro 6 – Fases da literatura infantil

FASE	IDADE	HISTÓRIA
Mito	3/4 a 7/8 anos	Histórias de fantasias, o animismo: tanto quanto pessoas, os objetos têm para a criança alma, reações.
Conhecimento da realidade	7/8 a 11/12 anos	A criança tem maior necessidade de ação, interessa-se pela experiência do homem e da ciência. Valoriza o esforço pessoal, o engenho do herói para vencer os obstáculos.
Pensamento racional	11/12 anos até a adolescência	Literatura realista para crianças, literatura romântica, pelo caráter de seus heróis e por seus temas. Preocupação com o valor moral.

Fonte: Cunha, 1989, p. 99.

Podemos observar, portanto, que não se trata de uma regra, pois ambas as autoras separam as idades e classificam as histórias diferentemente e, como sabemos, nenhuma criança é igual à outra, por isso, elas podem fugir dessa classificação que as autoras fazem e, como dito anteriormente, não há rigidez nessa classificação.

Diante disso, após escolhida a história, Dhome (2010) ressalta que é necessário estudá-la, em um primeiro momento, captando as mensagens que estão mais evidentes e depois preparar recursos auxiliares que serão utilizados pensando na melhor técnica para isso.

Primeiramente é essencial estudar os elementos da história que influenciam a forma de narrar. Esses elementos são: enredo, personagens principais, secundários e supérfluos, ambiente, cenários, mensagem e conteúdo educacional. Depois, é necessário compreender o que Dhome (2010) chama de “fluxo do enredo”, o qual é dividido em 4 partes – introdução, enredo, ponto culminante e desfecho –, que correspondem aos elementos de um texto narrativo, como demonstramos no quadro abaixo:

Quadro 7 – “Fluxo de enredo”

INTRODUÇÃO	Situa o ouvinte no tempo e no espaço e apresenta os principais personagens. Deve ser clara e sucinta, mas sem deixar de ser suficiente para esclarecer os elementos que comporão a história.
ENREDO	Contêm a sucessão de episódios, os conflitos que surgem e a ação dos personagens que formam o enredo. É importante destacar o que é essencial e o que são detalhes. O essencial deve ser rigorosamente respeitado, enquanto os detalhes podem variar conforme a criatividade do autor.
PONTO CULMINANTE	Surge como uma ciência natural dos fatos registrados de forma ordenada e sucessiva. O narrador deverá estudar a intensidade da emoção em cada fato e as estratégias para que isso aconteça.
DESFECHO	É o término da história. Deverá conter uma simples conclusão que cabe aos ouvintes decifrá-las.

Fonte: Dhome, 2010, p. 27.

Como se sabe, é fundamental que o professor conheça esses quatro elementos do texto narrativo para que seu trabalho seja eficaz. A autora fornece algumas orientações que podem ajudar a iniciar uma narração, começando com uma conversa informal. Ela assim exemplifica: “Vou contar uma história sobre uma fazenda. Alguém já esteve em uma?” (DHOME, 2010, p.37). Segundo a autora, isso evitará que a criança faça interrupções ao longo da narração, tais como: “Quando eu fui à fazenda do meu tio... Quando eu tomei o trem para...” (DHOME, 2010, p.37).

A autora, para tanto, orienta a elaboração de uma “ficha descritiva” que auxiliará nesse momento.

Figura 1 – Modelo de ficha descritiva

<i>Ficha Descritiva (modelo)</i>		
Título		Classificação
Enredo		<input type="checkbox"/> simples <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> complicado
Tipo de enredo	Enredo	<input type="checkbox"/> Fantasia <input type="checkbox"/> Passagens bíblicas <input type="checkbox"/> Mitologia <input type="checkbox"/> Fábulas <input type="checkbox"/> Fatos do cotidiano <input type="checkbox"/> Invenções <input type="checkbox"/> Lendas folclóricas <input type="checkbox"/> Aventuras <input type="checkbox"/> _____
	Personagens	<input type="checkbox"/> Animais (carac. humanas) <input type="checkbox"/> Heróis <input type="checkbox"/> Fadas <input type="checkbox"/> Animais verdadeiros <input type="checkbox"/> Pessoas comuns <input type="checkbox"/> Reis <input type="checkbox"/> Brinquedos animados <input type="checkbox"/> Crianças <input type="checkbox"/> _____
	Cenário	<input type="checkbox"/> Castelos <input type="checkbox"/> Interior de uma casa <input type="checkbox"/> Jardim / estrada <input type="checkbox"/> Selva <input type="checkbox"/> Ruas / praças <input type="checkbox"/> Galáxico <input type="checkbox"/> Mar <input type="checkbox"/> Outro País: _____ <input type="checkbox"/> _____
	Estilo	<input type="checkbox"/> Fantástico <input type="checkbox"/> Suspense <input type="checkbox"/> Aventura <input type="checkbox"/> Romântico <input type="checkbox"/> Humor <input type="checkbox"/> Histórico <input type="checkbox"/> Realista <input type="checkbox"/> Dramático <input type="checkbox"/> _____
Idade adequada	<input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 3 <input type="checkbox"/> 4 <input type="checkbox"/> 5 <input type="checkbox"/> 6 <input type="checkbox"/> 7 <input type="checkbox"/> 8 <input type="checkbox"/> 9 <input type="checkbox"/> 10 <input type="checkbox"/> 11 <input type="checkbox"/> 12	
Nome, descrição e função dos personagens principais		<input type="checkbox"/> pouco (1-2) <input type="checkbox"/> relativo (3-5) <input type="checkbox"/> muitos (> 6)
Nome, breve descrição e função dos personagens secundários		
Personagens supérfluos		
Local		<input type="checkbox"/> simples <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> complicado
Época		
Aspectos culturais, científicos ou históricos		
Cenários		<input type="checkbox"/> simples <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> complicado
Caracterização		
Objetos necessários		

Fonte: Dhome, 2010.

Esse modelo de ficha descritiva auxiliará no desenvolver do planejamento da história.

Contar história também é uma arte, afirma Dhome (2010, p.17). Há pessoas que têm facilidade para contar com criatividade, encenar, dramatizar, usar musicalidade e diferentes técnicas; há também pessoas que sentem dificuldade em usar essas técnicas.

Consideramos que, nesses casos, com o estudo da história, preparo de recursos e treino é possível desenvolver essas habilidades necessárias a um bom narrador de histórias. Decorar algumas frases da história é essencial, caso o nervosismo aconteça, ensaiar frente ao espelho também é uma boa dica para se familiarizar com a narração.

A leitura do livro precisa ir além do “passar de olhos” nas palavras, diz Dhome (2010). A dramatização, a entonação, palavras bem articuladas, alternância de sons (forte, fraco, alto e baixo), musicalidade nas palavras, suspense, emoção, sentimento e gestos devem ser elementos primordiais em uma narração de história. A expressividade do professor conta muito nesse momento, pois é por meio dele que o aluno poderá viajar no mundo das imaginações e, além disso, poderá apreender os significados de mundo que o cerca. Para Abramovich,

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto criar asas e estimular a aprendizagem. (ABRAMOVICH, 1997, p. 23)

Todos esses fatores destacados por Abramovich (1997) e Dhome (2010) somente acontecerão se a narração de história tiver finalidade e for bem planejada, pensando em uma prática educativa. A avaliação dessa prática pode ser feita pelo retorno dos ouvintes, pois eles demonstrarão envolvimento com o enredo da história, atenção destinada para as diferentes ações dos personagens, relação que estabelecem entre uma história e outra e entre diferentes conteúdos trabalhados nas diversas áreas de conhecimento.

Para contar uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas outras coisas mais... (ABRAMOVICH, 1997, p. 20).

É importante pensar também, em como as crianças estarão dispostas no **espaço** para ouvir a história. Sentadas em círculo é uma sugestão dada por Abramovich (1997), já que o narrador poderá se sentar juntamente com as crianças em uma posição em que todas consigam olhar para a história. Se o narrador for dramatizar de forma mais gesticulada poderá ficar de joelho para que os braços e as mãos fiquem mais livres para se movimentarem.

A autora também destaca como fundamental importância que se escolha muito bem o **local** em que será narrada a história. Orienta que a escolha seja, preferencialmente, por um local de silêncio e que permita que as crianças fiquem bem acomodadas, pelo fato de que os sons do ambiente externo podem desviar a atenção delas.

Como ressalta Abramovich (1997), o **clima** envolvente faz-se necessário para uma boa narração. Acomodar bem as crianças e dar abertura para que se expressem, logo após pedir silêncio e introduzir o que vai apresentar. Um público receptivo e uma boa história permitirão que a narração ocorra com sucesso e não significa que estar apenas preparado com a história decorada resultará em sucesso, pois, para falar em público é preciso ter claro que a entonação de voz não poderá ser a mesma de uma conversa com duas ou três pessoas em uma linguagem coloquial, explica Dhome (2010).

Outro fator que Dhome (2010) aponta como essencial é o **volume da voz**. Ao nosso conhecimento parece ser este um aspecto tão simples, mas que muitas vezes é pelo efeito dele que a história não é compreendida pelas crianças, pelo fato de a voz do narrador ser muito baixa e, dependendo do ambiente, isso pode ser mais prejudicial. Observar o tamanho da sala, a acústica, os ruídos externos é muito importante, pois caso o professor queira fazer uma narração de história ao ar livre, em um lugar que tenha muito barulho, o volume da voz deverá ser ainda maior. É válido ressaltar, que não se tratar de “gritar” para que a atenção das crianças seja apreendida, mas saber utilizar a impostação da voz.

Uma das causas de uma história mal entendida é a má **dicção** do leitor. Palavras que não são corretamente pronunciadas e articuladas poderão causar no ouvinte uma incompreensão do que foi narrado. A boa comunicação é essencial na narração, por isso, o treino é fundamental: exercitar os lábios com movimentos de mastigação, movimentar a

língua (para fora e para dentro), a mandíbula e o palato mole ajudará a se comunicar melhor, sendo esses os aliados para levar o som para a cavidade de ressonância.

A **modulação da voz** também é um fator muito relevante. A velocidade com que o narrador lê deve ser ponderada e está diretamente ligada com a boa dicção, a alternância de voz (baixo e alto), as tonalidades (agudo e grave) e a velocidade com que se fala. São esses fatores que deixam a narrativa ainda mais “mágica”, pois deixa de ser uma leitura monótona.

Para além dessas técnicas de voz, Dhome (2010) destaca a importância das emoções e sentimentos ao contar histórias. A **expressão corporal** acompanha a voz, o expressar do corpo suscita emoções: a posição do tronco, os braços, as mãos, os dedos, a postura dos ombros, o balanço de cabeça, as contrações faciais e a expressão dos olhos devem estar coerentes com a narração. O cuidado que se deve ter é com o exagero dos gestos, isso levará a história a ter outro fim que talvez não seja o que o narrador esperava.

A **expressão facial** é um forte aliado no momento da dramatização: a tristeza, alegria, surpresa, suspense são elementos que facilitarão a compreensão das crianças e causarão nelas prazer pelas histórias. O uso do silêncio, por mais que pareça “estranho” usá-lo em uma história, pode torná-la ainda mais expressiva, pois por meio dele pode-se fazer momentos de suspense, o que dará oportunidade de a criança organizar suas adaptações, mas deve ser em poucas pausas para que não aconteça a dispersão.

A **imitação** de sons e personagens é também um elemento muito importante na narração de história. Imitar bichos, seja com o corpo ou com a fala, fazer voz de princesa, de bruxa, falar grave ou muito fino são diversões que prendem a atenção da criança por mais tempo.

Depois de pensado todos esses elementos para preencher a narração de histórias de emoções e sensibilidades, é preciso pensar nos recursos que serão utilizados como auxiliares na hora de narrar.

Dhome (2010) ajuda a pensar esses recursos auxiliares que permitirão aperfeiçoar melhor a história na hora de contá-la. Segundo Oliveira (2012), o professor deve diversificar a forma de contar histórias em sala de aula, usando materiais diversos como: o próprio texto, álbum seriado, álbum sanfonado, flanelógrafo, quadro de pregas, teatro de sombras, canções, cineminha, imanoógrafo, dobradura e etc.

Caso o professor queira usar o próprio livro, é importante observar se nele contém ilustrações que chamem a atenção dos alunos. Uma sugestão também interessante é pedir para que a criança traga de casa algum livro de história que deseja ler ou que a professora conte, assim o estímulo será maior por parte das crianças.

3.1. Cineminha

Oliveira (2012), assim como Dhome (2010), traz a tona um recurso antigo e simples de fazer, mas que desperta o interesse e a curiosidade das crianças. A história pode ser desenhada ou usar as folhas dos livros impressas e fazer um cineminha dentro de uma caixa (madeira ou papelão). O filme é enrolado em um pedaço de madeira (cabo de vassoura) que fica dentro da caixa e as páginas vão sendo movimentadas conforme o professor gira o cabo de baixo, onde o início da história está preso. As cópias das folhas podem ser ampliadas para melhor visualização das crianças.

Figura 2 - Cineminha



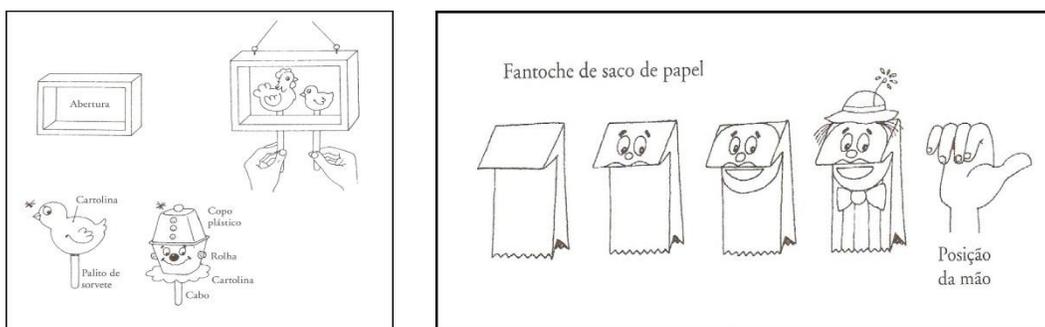
Fonte: <http://compartilhandosaberedapos.blogspot.com.br>

3.2. Fantoches

De acordo com Dhome (2010), os fantoches são os recursos mais pedidos pelas crianças e podem ser utilizados tanto pela professora quanto pelos próprios alunos. Os fantoches não precisam necessariamente ser feitos de tecido. Também podemos utilizar cartolina, E.V.A., papéis variados, de tal forma que as crianças compreendam que aqueles

instrumentos estão representando os personagens da história. Oliveira (2012) acrescenta que uma vez planejados e feitos os bonecos, a apresentação da história será melhor. Há outros tipos de fantoches que são feitos de meia, sucata, colher de pau, copo plástico, palito de sorvete, saco de papel (de mercado ou pipoca), etc. Há também a necessidade de, com uma caixa, fazer um palco para o teatro de fantoches.

Figura 3 – Fantoches 1



Fonte: OLIVEIRA, Maria Alexandre de. Dinâmicas em literatura infantil. São Paulo: Paulinas, 2012.

Figura 4 – Fantoches 2



Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>

Fonte: <http://www.cpt.com.br>

3.3. Teatro de Sombras

Outro recurso muito utilizado e que encanta as crianças é o teatro de sombras. Trata-se de uma representação por meio da projeção de luz na parede ou em um cenário de tecido especialmente produzido para esse fim. Os personagens podem ser as próprias mãos ou silhuetas recortadas em papel. Nesse recurso o professor poderá contar com a ajuda das crianças, estimulando a imaginação e a coordenação motora.

Figura 5 – Teatro de Sombras



Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>

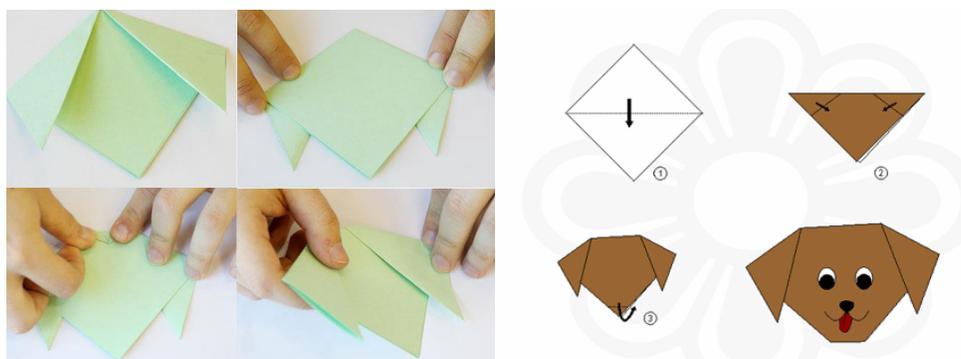


Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

3.4. Dobraduras

A dobradura é uma arte muito interessante, pouco acessível às crianças por exigir bastante domínio do papel e da atenção, mas que proporciona uma interação muito interessante nas narrativas de histórias. Oliveira (2012) ressalta que se a história tem personagens animais ou objetos, como peixe, barco, sapo, chapéu e casa, produzir recursos utilizando dobraduras é uma ótima opção.

Figura 6 - Dobraduras



Fonte: <http://cri.uol.com.br>

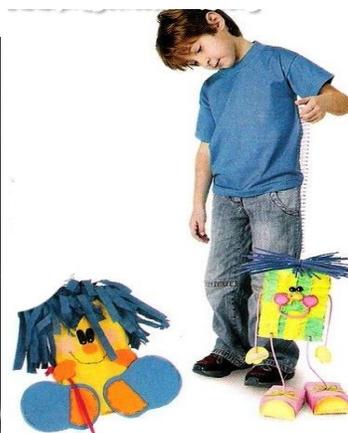
3.5. Marionetes

São bonecas ligadas por fios presos a cabeça, braços, mãos e pernas. Sua manipulação deve acontecer atrás de um cenário. Esses bonecos podem ser confeccionados com caixa de leite, garrafa descartável e tecidos.

Figura 7 - Marionetes



Fonte: <http://revistacrescer.globo.com>



Fonte: www.pragentemiuda.org

3.6. Dedoche

O dedoche é um recurso fácil de fazer e que, posteriormente, pode ser utilizado e até mesmo produzido pelas crianças.

Figura 8 - Dedoches



Fonte: <http://arteevavania.blogspot.com.br>

3.7. Caixa de História

No recurso “*Contos que as caixas contam*”, a história é retirada de dentro de uma caixa atrativa. O ambiente interior pode ser decorado de acordo com o enredo. A história é reproduzida em forma de um livro gigante que fica em cima da tampa. Os recursos utilizados ficam dentro da caixa e conforme a história é narrada, o professor retira os objetos.

Figura 9 – Caixa de Histórias



Fonte: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br>

3.8. Avental

O avental é um recurso muito utilizado pelos professores, pois o deixa livre para se movimentar durante a narração. Dhome (2010) o chama também de velcômetro, pelo fato de os personagens serem presos com velcro. Também pode ser utilizado um quadro coberto com flanela em que os personagens possuem velcro e estes vão sendo fixados.

Figura 10 – Avental

Fonte: <http://fazendoartenaescola2.blogspot.com.br>

3.9. Caracterização/Dramatização

A caracterização/dramatização é um recurso muito divertido em que o professor se caracteriza com roupas da personagem a ser representada. Trata-se de um recurso auxiliar da narração de histórias, destaca Debus (2006), que pode ser utilizada principalmente por aqueles professores que se sentem mais inibidos, pois os personagens são os próprios protagonistas que assumem o papel de contador de histórias. Oliveira (2012) salienta que o trabalho será mais enriquecedor se as crianças participarem de todo processo da dramatização.

Figura 11 – Caracterização/Dramatização

Fonte: <http://peti-ourobranco.blogspot.com.br>

3.10. Recursos Audiovisuais

Dhome (2010) e Oliveira (2012) destacam o uso de recursos audiovisuais, tais como CDs e vídeos, que também podem proporcionar o contato com a literatura infantil. Lembram que o retroprojetor, pouco utilizado nos dias atuais, pode ser um recurso interessante para a narração de histórias. O professor poderá combinar com as crianças uma “sessão de cinema”, pois o ambiente precisa ser escurecido, em que as narrativas serão projetadas em uma parede ou tela branca.

3.11. Álbum Sanfonado

Nesse álbum, assim como no livro, a narrativa tem uma sequência de imagens. Nele, ao invés de virar as páginas, as partes com painéis ilustrativos são desdobradas. Podem ser feitos de cartolina e dobrado em forma de sanfona e as cenas podem ser desenhadas ou coladas.

Figura 12 – Álbum Sanfonado



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>

3.12. Teatro de Varas

Para a confecção deste recurso, é necessário fazer os personagens em cartolina ou E.V.A. e fixá-los em uma vara ou palito de sorvete. Além disso, é necessário que um biombo seja montado para que o narrador da história (professor e/ou alunos) fique

escondido ao movimentar os personagens, de tal forma que eles possam ser vistos pelos alunos.

Figura 13 – Teatro de Varas



Fonte: <http://www.painelcriativo.com.br>

3.13. Máscaras

As máscaras constituem-se em um recurso muito divertido e fácil de fazer. Podem ser confeccionadas com papéis, sacos de papel, em E.V.A. ou tecidos.

Figura 14 - Máscaras



Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>

3.14. Álbum Seriado

O álbum seriado é um livro confeccionado em tamanho grande, geralmente em cartolina, para melhor visualização das crianças. As imagens correspondentes às cenas da história podem ser desenhadas ou coladas. As folhas devem ser presas por argolas ou cordões em um suporte de madeira que permitam que possam ser folheadas.

Figura 15 – Álbum Seriado



Fonte: <http://cantinhopedagogicoeducacional.blogspot.com.br>

3.15. Flanelógrafo

O flanelógrafo é um recurso antigo, mas que oferece muitas possibilidades de uso ao narrarmos histórias. Ele é divertido, pois permite que as crianças participem da narrativa, recontando-a e manipulando as figuras. Segundo Coelho (2000), para as histórias em que os personagens têm o movimento de “entra e sai” de cena, este recurso é ideal. As gravuras ou personagens podem ser confeccionados com papel grosso, em E.V.A., tecido ou feltro e devem ter no verso um pedaço de lixa grossa ou velcro. O quadro deve ter o tecido flanelado ou feltro para que as gravuras fiquem grudadas.

Figura 16 - Flanelógrafo

Fonte: <http://cintiakids.blogspot.com.br>

Há pessoas que têm facilidade para contar com criatividade, encenar, dramatizar, usar musicalidade e diferentes técnicas. Há também pessoas que sentem dificuldade em usar essas técnicas. Consideramos que, nesses casos, com o estudo da história, preparo de recursos e treino é possível desenvolver essas habilidades necessárias a um bom narrador de histórias.

Segundo Dhome, na narração de história “não há limites para a criatividade. Coisas simples, quando usadas na hora apropriada, enriquecerão a história.” (DHOME, 2010, p.50). A autora sugere a elaboração de uma ficha técnica para cada história, pois ajudará o narrador a organizar melhor a sua narrativa. Abaixo trazemos um exemplo dessa ficha.

Quadro 8 – Ficha Técnica – Narração com efeitos especiais

HISTÓRIA DEMONSTRATIVA	O USO DO FINAL DO ARCO-ÍRIS E A CAIXA DE PANDORA
Descrição	São elementos inseridos na narração simples para aumentar as sensações e provocar maior incitação à fantasia. Poderá ser através do uso de sons, aromas, caracterização ou objeto.
Como fazer adaptações	Necessita de pouca adaptação, geralmente usa-se o texto original. Deve haver cuidado no momento da interação, para que as crianças possam perceber claramente esta situação.
Personagens/ operadores	O número de personagens da história é indiferente. O narrador poderá trabalhar sozinho se a interação que se deseja introduzir é pequena; se for mais complexa, poderá usar um auxiliar.
Narrador auxiliar	Não é adequado e nem necessário
Complexidade do enredo	Adequa-se a qualquer tipo de história.
Complexidade das caracterizações	Se houver caracterizações, elas devem ser simples, rápidas de colocar e tirar, para que as crianças entendam bem e não se corra o risco da atividade se desviar a atenção.
Uso da fantasia	É uma das técnicas mais adequadas para o uso de muita fantasia. As interações ajudam a aumentar o fascínio e a “veracidade”.
Recursos adicionais	Usa todo tipo de recursos: efeitos sonoros, caracterizações, etc. sempre procurando usar o efeito surpresa, que valoriza muito a ação.
Habilidades dos operadores	Boa dicção, volume de voz, entonação dramática e expressão corporal. Coordenação com o auxiliar que introduzirá o efeito especial.
Local e Público	É um recurso indicado para um público de cerca de 20 a 30 pessoas. O narrador se posiciona no círculo junto aos demais. Deverá estudar cuidadosa e previamente os locais onde as introduções acontecerão, para que todos possam ter boa visibilidade.
Interação com as crianças	Pode-se cantar uma música, fazer imitações, gestos, os participantes podem locomover-se pelo espaço de acordo com os acontecimentos da narração e/ou os efeitos sonoros.
Desenvolve	Imaginação, desinibição, criatividade, senso estético, valoriza a autoestima.
Dicas de utilização	<ul style="list-style-type: none"> - Ter todo o material que será utilizado à mão, porém escondido. - Posicionar a plateia tendo em vista a pessoa do narrador e também outras pessoas ou objetos que participarão. - Começar com técnicas simples para ir sentindo a reação da plateia. - Cuidar para manter o elemento surpresa, que é um grande aliado nestes casos. - No caso de participações com músicas ou sons, treinar antes de iniciar a narração. Erros durante a execução poderão desviar a atenção. <ul style="list-style-type: none"> - Informar-se se existem pessoas alérgicas aos elementos que serão utilizados.

Fonte: Dhome, 2010, p.107.

Essa ficha auxiliará o planejamento do professor para preparar a narração de uma história. Os elementos que constam na ficha técnica são primordiais para que tenhamos um bom leitor e alunos que se interessem cada vez mais pela literatura. O envolvimento da criança com a história é o aspecto mais importante a ser alcançado. Por isso, os recursos aqui sugeridos poderão fazer com que os alunos participem mais dessa atividade, envolvendo-as com o universo da linguagem escrita e estimulando-as a aprender ou aperfeiçoar as habilidades de leitura e escrita.

Consideramos essas técnicas e habilidades de narrar histórias como um fator fundamental para o estímulo à aprendizagem da leitura e escrita das crianças.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, vimos que a narração de histórias consiste em uma prática pedagógica que tem extrema importância para o desenvolvimento das crianças, tanto para a formação enquanto leitor, quanto para a estimulação do processo de alfabetização. A narração de história é importante para que a criança tenha estímulos para desenvolver a linguagem, o pensamento e a imaginação, pois, como verificamos nas reflexões dos diversos autores aos quais recorremos nessa pesquisa, a literatura é a arte da palavra e as histórias, quando bem contadas, podem trazer muitos benefícios a quem ouve.

Dessa forma, pensar na importância que a narração de história tem para o desenvolvimento infantil é planejar uma prática pedagógica que oportuniza as crianças a se comunicarem, ou seja, dialogar com outras crianças e se relacionar com elas. Como podemos observar nesse trabalho, essa prática de narrar histórias favorece o desenvolvimento linguístico, cognitivo e comunicativo. É interessante observar, como as crianças guardam na memória as histórias que ouviram e as recontam sempre criando novos enredos, o que permite ampliar o interesse em ler e ouvir mais histórias e contar como o professor conta.

Nesse sentido, torna-se indispensável repensar a prática da narrativa de histórias, integrando-a de maneira dinâmica, interativa e criativa às práticas escolares, despertando dessa forma o gosto pela leitura e a curiosidade em descobrir novos caminhos por meio da fantasia e do encantamento pelas histórias, pois é o professor o sujeito que será capaz de formar novos leitores e a conduzi-los ao mundo da leitura e da escrita.

Visto que a literatura infantil abordada em sala de aula é de grande importância para as crianças, as análises dos cadernos de planejamento evidenciaram que muitas vezes não é dada a devida importância para a narração de histórias, bem como a utilização de recursos didáticos nesta ação pedagógica. É pouco evidente o registro das histórias planejadas. Por meio da entrevista da pedagoga da escola constatamos que as professoras não veem necessidade em planejar, uma vez que escolher um livro e contá-lo se tornou algo muito cômodo e rotineiro. Apesar disso, a escola possui um projeto de leitura no qual as professoras contam mais histórias do que está registrado nos cadernos

de planejamento. Este dado comprova que pouca importância é dada a essa prática pedagógica. Nos poucos registros que observamos, apenas duas professoras utilizaram recursos didáticos como auxiliares na narração de história, no caso, a dramatização. Segundo a pedagoga, apenas nos dias do projeto de leitura e com as turmas do 1º e 2º ano é que se utiliza fantoches como recurso auxiliar. Porém, o que deve ter é intencionalidade do ato pedagógico, porque mesmo sem os professores terem acesso à recursos mais elaborados, podem, ainda assim, criar novas formas de encantamento e de estímulo à imaginação das crianças.

Os recursos didáticos são capazes de encantar, emocionar, estimular a criatividade e a imaginação do ouvinte. Por isso, é importante que o professor saiba como usá-los, para que assim promova o processo de letramento e prazer pela leitura e escrita. Para tanto, é necessário que ocorra o planejamento da narração das histórias, o que envolve desde a escolha dos livros até o treino para utilizar os recursos auxiliares. Além da escolha do livro e do recurso, é de fundamental importância estudar a história, planejar como as crianças estarão dispostas, qual o local, a impostação de voz, a expressão corporal e facial, a imitação e o treino. Os professores podem ser considerados excelentes recursos humanos como instrumento instigador para estimular o prazer de ler e estes serem apaixonados pela literatura.

Diante dessas constatações, cabe a nós refletirmos sobre essas inquietações e outras, tais como, o fato de professores do Ensino Fundamental reconhecerem a contribuição da narração de história para o desenvolvimento infantil, com quais finalidades são narradas histórias para as crianças, e porque não se interessarem pelo registro e planejamento dessa prática pedagógica. Essas indagações nos levam a necessidade de fazer novas pesquisas e estudos para melhor evidenciarmos e isso será feito durante minha jornada de trabalho como professora dos anos iniciais do ensino fundamental.

Portanto, é importante que nós, professores, saibamos que a literatura infantil está presente na nossa vida desde muito cedo e que precisa ser valorizada principalmente como uma prática pedagógica que requer planejamento, intencionalidade e sistematicidade. Como ressalta Costa, “todos que tiveram um contador de histórias em

sua vida sabem o quanto é importante. Então, por que não sermos bons contadores na história de vida de nossas crianças” (COSTA, 2009, p.94).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?**. Petrópolis,RJ: Vozes, 1997

BENJAMIN, Walter (1993). “O narrador”. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura**. 5ªed. São Paulo: Brasiliense.

BUSSATO, Cléo. **Contar e encantar: Pequenos segredos da narrativa**. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria – análise – didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COSTA, Marta Moraes da. A formação do leitor e o ensino de literatura. In:_____ **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: Ibpx, 2007, p.93-118.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. A narativa para crianças. In: _____. **Literatura infantil – Teoria e Prática**. São Paulo: Ática, 1989, p. 97-117.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

DOHME, Vânia D’Angelo. **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. A importância da literatura na formação do sujeito. In: _____. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.41-47.

FREITAS, M. T. A. **As apropriações do pensamento de Vygotsky no Brasil: um tema em debate**. Revista Psicologia da Educação, São Paulo, v. 10/11, n. 1, p. 9-28, dez. 1995.

OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Dinâmicas em literatura infantil**. São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVEIRA, João B. Araujo. **Rompendo o ciclo vicioso da pobreza: leitura desde o berço: Políticas sociais integradas para a primeira infância**. Brasília, 2011.

PERES, G. Contar Histórias: professor-contador contribui para a aprendizagem dos alunos. **Revista Professor**. Ano XXV, número 99, p.10-12, jul/set.2009.